

Percursos interpretativos de objetos da diversidade cultural indígena em museus

RESUMO

O presente artigo aborda o processo de construção de percursos interpretativos de objetos da diversidade cultural indígena referentes aos museus situados nas cidades de Belo Horizonte e Curitiba. Para a construção destes percursos de narrativas e imagens foram analisados os acervos expositivos e as reservas técnicas de nove museus da cidade de Belo Horizonte, bem como, as avaliações dos visitantes do Museu de Arte Indígena (MAI) de Curitiba, disponibilizados nos aplicativos *izi.travel* e *TripAdvisor*. A análise de narrativas buscou levantar diálogos interculturais entre objetos, as correlações de falas de visitantes e as missões dos museus. Os percursos apontaram, na paisagem cultural urbana, objetos que remetem aos povos indígenas brasileiros e ao exercício da cidadania. Dos textos de visitantes, classificados pelo software Iramuteq, recorreu-se à técnica de análise lexical, que recuperou imagens e objetos na confluência das diversidades e das relações entre museu, objetos (peças) e percepções.

PALAVRAS-CHAVE: Percursos interpretativos. Iramuteq. Museus. Acervo indígena.

Alcione Gabardo Junior

Universidade Positivo, Curitiba,
Paraná, Brasil.

juniorgabardo@hotmail.com

Maclovía Corrêa da Silva

Professora titular da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil.

macloviasilva@utfpr.edu.br

Silvania Souza do Nascimento

Universidade Federal de Minas
Gerais, Belo Horizonte, Minas
Gerais, Brasil.

silvania.nascimento@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ele: um indígena na paisagem

Ele, um rapaz de estatura mediana, de pele morena com cabelos negros e lisos não trajava uma tanga, nem estava com o seu corpo coberto por pinturas geométricas feitas com tintas de jenipapo e urucum e penas de aves das mais diversas cores. Aquele jovem não usava um exuberante cocar de penas coloridas e em seu pescoço, apenas o adornava um modesto colar de miçangas, dessas compradas em armarinhos. Aquela pessoa que estava ali diante de meus olhos, não se parecia em nada com as imagens de indígenas que, por tantas vezes, vi nos livros didáticos, de literatura e na televisão. Confesso que me decepcionei, pois aquele homem não correspondia ao imaginário que até então eu tinha como referência de um indígena. (adaptado de Barroso, 2017, p. 17).

Ele, um rapaz de estatura mediana, de pele morena com cabelos negros e lisos, não trajava uma tanga, nem estava com o corpo coberto por pinturas geométricas feitas com tintas de jenipapo e urucum, tampouco usava penas coloridas de aves. Seu pescoço era adornado por um modesto colar de miçangas, dessas compradas em armarinhos. Ele não se parecia com as imagens de indígenas que tantas vezes vi nos livros didáticos, na literatura e na televisão. Confesso que me decepcionei, pois aquele homem não correspondia ao imaginário que eu tinha como referência de um indígena (BARROSO, 2017, p. 17). Esse estranhamento ocorrido em um encontro fortuito nos corredores de uma grande universidade pública motivou a reflexão que relatamos neste artigo.

No verão de 2015, iniciamos a análise da presença/ausência das culturas dos povos originários nos museus de Belo Horizonte, com o objetivo de construir um roteiro interpretativo dessa componente dos saberes tradicionais na paisagem cultural urbana e no exercício de cidadania. A aprovação da Lei Federal nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o estudo da história e culturas afro-brasileira e indígena na Educação Básica, de imediato não provocou mudanças perceptíveis no cotidiano educacional. As relações étnico-raciais, introduzidas como tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, passaram a mobilizar mais tardiamente as discussões e ações de grupos de pesquisa sobre a formação intercultural.

No entanto, é necessário apontar que, embora o tema tenha sido incorporado às diretrizes curriculares, pouco sabemos sobre a promoção efetiva do exercício de cidadania desses grupos sociais. As abordagens permanecem muitas vezes dentro das prerrogativas legais, sem desdobramentos concretos. Nesse sentido, Santos (2015) destacou a existência de limites interpretativos em vários campos de estudo sobre grupos nativos brasileiros, além de outras minorias étnicas, que ainda são tratados de forma homogênea e unilateral. Movimentos de resistência, diversidade de traços culturais e lutas pela manutenção de territórios são, por vezes, ignorados em suas especificidades.

O processo de decolonização de nosso olhar sobre os muitos saberes e práticas que moldam nossa visão do "eu" e do "outro" ainda exige novas práticas epistêmicas insurgentes, especialmente no contexto do sul global (OLIVEIRA e CANDAU, 2010). Nesse sentido, fora do ambiente escolar, surgem iniciativas que buscam reformular a relação entre os povos indígenas e instituições museológicas.

Um exemplo disso é o processo iniciado na década de 1990 por Julianna Rocha Podolan Martins, colecionadora do Museu de Arte Indígena (MAI), que começou a identificar os potenciais e valores culturais dos povos indígenas, estabelecendo uma colaboração para preservar e divulgar seus saberes.

As reflexões aqui apresentadas buscam responder à confluência dessas duas preocupações, abordando tanto a preservação da diversidade cultural indígena quanto a construção de novas narrativas nos espaços museológicos, com foco na valorização dos povos originários e na representatividade de seus modos de vida. Aspectos da história e da cultura das etnias que contribuíram para a formação da população brasileira precisaram ser revisitados, conforme argumentado por Moraes (2016), que alerta para a necessidade de um novo significado historiográfico e antropológico sobre o protagonismo indígena na construção de uma sociedade democrática e justa.

Embora esse debate ainda não esteja amplamente pautado na formação de professores, sendo minimizado igualmente na oferta de materiais pedagógicos sobre a questão, ele é essencial para transformar as práticas educativas e culturais no Brasil. Santos (2015) também evidenciou os limites interpretativos que permeiam os estudos sobre grupos indígenas, destacando como prevalece uma imagem homogeneizada e simplificada, que não dá conta da complexidade de suas vivências, culturas e lutas. Nesse contexto, investigamos a maneira como objetos de culturas indígenas são representados nos museus, com o objetivo de construir percursos interpretativos que proporcionem uma compreensão mais ampla e rica da diversidade indígena.

Ser indígena no Brasil do século XXI ainda é sinônimo de luta e resistência. Os povos indígenas carregam em suas histórias o peso do preconceito e da necessidade de assegurar direitos fundamentais, como saúde, educação e preservação de seus modos de ser e viver. A identidade indígena é construída em torno de laços comunitários, e as relações de parentesco ou vizinhança continuam a ser os pilares da organização social. A comunidade indígena é formada por descendentes dos povos que habitavam o continente antes da chegada dos europeus e que ainda preservam tradições, valores e modos de vida das populações originárias das Américas.

As relações familiares são fundamentais para a estruturação social de um povo indígena, sendo muitas vezes articuladas em torno de uma figura patriarcal ou matriarcal que desempenha o papel de coordenar a unidade social. No entanto, os laços comunitários não se limitam aos vínculos sanguíneos; alianças políticas e econômicas também são estabelecidas de acordo com as necessidades estratégicas das comunidades. Essas alianças muitas vezes refletem os saberes tradicionais que permeiam as cosmogonias indígenas, orientando a vida social, as práticas de subsistência e as expressões culturais.

A diversidade étnica e cultural dos povos indígenas brasileiros é vasta. Atualmente, existem 305 etnias reconhecidas no Brasil, e a riqueza linguística é igualmente impressionante, com 274 línguas indígenas ainda em uso, pertencentes principalmente aos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê. Essa diversidade cultural está espalhada por todo o território nacional, mas é mais acentuada nas áreas rurais. Segundo o IBGE (2010), cerca de 63,8% da população indígena brasileira reside nessas áreas, com a maior concentração nos estados do Amazonas e Roraima, na região Norte. Azevedo (2011) complementa esses dados,

destacando a presença expressiva de indígenas também nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, enquanto na região Sul encontramos a menor proporção de população indígena autodeclarada.

A forma como os povos indígenas têm sido representados nos museus ao longo da história reflete, em muitos casos, os preconceitos e as visões etnocêntricas das sociedades ocidentais. No século XIX, quando objetos culturais de diferentes partes do mundo — África, América e Oceania — foram coletados e expostos em museus, eram frequentemente classificados como pertencentes a culturas "primitivas" (COUTO, 2007). O exotismo e a singularidade desses objetos os tornavam itens de curiosidade, reforçando uma distinção entre a "civilização" europeia e as "sociedades primitivas".

Essa visão era predominante nas coleções museológicas da época, como evidenciado por Schnapper (2012), que descreve a montagem de coleções francesas nos séculos XVII e XVIII. Muitas dessas coleções representavam a diversidade humana de forma exótica, destacando características que contrastavam com os ideais de beleza e perfeição da sociedade europeia. Exposições de mulheres barbadas, crianças siamesas, gigantes e anões eram comuns, e os objetos das culturas indígenas eram muitas vezes apresentados fora de seus contextos culturais, reforçando a ideia de que esses povos eram exemplos de uma humanidade "atrasada".

Os registros pré-colombianos e os relatos dos primeiros contatos entre colonizadores e indígenas também despertaram grande interesse do público europeu. Um exemplo é o Codex Mendoza, publicado em 1625 por Samuel Purchas, que reúne documentos históricos, tributários e etnográficos sobre os povos indígenas do México (ROSADO, 2002). No final do século XVIII, os estudos anatômicos começaram a explorar a diversidade de corpos humanos, com particular ênfase em mumificações pré-colombianas e outras anomalias físicas que se desviavam dos padrões de "normalidade" da época.

Com o passar do tempo, a representação dos povos indígenas nos museus começou a mudar. No século XX, a nomenclatura dos objetos museológicos foi reclassificada, e muitos itens que antes eram considerados "primitivos" passaram a ser vistos como "artísticos" ou "culturais" (COUTO, 2007). Apesar dessas mudanças, a luta dos indígenas brasileiros por uma representação justa e equitativa em museus e outros espaços culturais continua refletindo as tensões históricas entre o exotismo e a afirmação identitária.

METODOLOGIA

A construção dos percursos interpretativos de objetos da diversidade cultural indígena foi realizada em três etapas principais: análise dos acervos museológicos, coleta das percepções dos visitantes e processamento dos dados por meio de ferramentas de análise lexical. Cada etapa foi desenvolvida com o objetivo de integrar as narrativas e os contextos históricos dos museus envolvidos, correlacionando-as com as percepções dos visitantes e a representação dos objetos indígenas em seus acervos.

A primeira fase consistiu na análise dos acervos expositivos e das reservas técnicas de nove museus situados na cidade de Belo Horizonte. Esses museus foram selecionados por sua relevância no campo etnográfico e no estudo das

culturas indígenas brasileiras. Para cada museu, foi realizada uma investigação detalhada das peças expostas e armazenadas, considerando não apenas a condição física dos objetos, mas também suas narrativas e o contexto museológico em que estão inseridos. Foram observados critérios como a diversidade das coleções, sua representatividade no contexto da cultura indígena brasileira, o histórico de aquisição dos objetos e a forma como são apresentados ao público. Essa fase de observação permitiu identificar as tensões entre a preservação da autenticidade cultural dos objetos e as narrativas construídas pelos museus, muitas vezes carregadas de um olhar eurocêntrico sobre as culturas originárias.

Os estudos de Couto (2007) e Rosado (2002) apontam para o caráter histórico de como objetos indígenas eram classificados como "**artificia ou naturalia exotica**", sendo muitas vezes exibidos fora de seus contextos culturais, o que contribuiu para reforçar o **primitivismo** atribuído às sociedades indígenas. Essa categorização equivocada foi uma das questões centrais na análise crítica dos acervos.

Na segunda etapa, foi realizada a **coleta das percepções dos visitantes** do Museu de Arte Indígena (MAI), localizado em Curitiba. Através das plataformas digitais **izi.travel** e **TripAdvisor**, que permitem o compartilhamento de experiências de visita, foram obtidas avaliações e relatos dos visitantes sobre as exposições. O uso dessas plataformas foi essencial para compreender as emoções e reflexões geradas pelos objetos expostos, permitindo mapear a interação entre o público e as narrativas museológicas. Além disso, observou-se que as percepções dos visitantes muitas vezes entram em diálogo com as missões institucionais dos museus, favorecendo a construção de novos significados e diálogos interculturais.

A utilização de plataformas como o TripAdvisor também foi importante para avaliar a visibilidade e relevância do museu no meio digital, conforme observado pelo **Instituto Julianna Rocha Podolan Martins (IJRPM)** em 2009. Esta etapa da pesquisa evidenciou que muitos visitantes se surpreendem com a complexidade e a diversidade das culturas indígenas, desafiando estereótipos e preconceitos enraizados.

Por fim, os dados coletados foram processados no software Iramuteq para uma análise lexical detalhada. Este software permitiu a categorização das narrativas dos visitantes com base na frequência de palavras e na co-ocorrência de temas, revelando padrões de discurso e associações emergentes. A análise lexical possibilitou identificar termos recorrentes nas narrativas dos visitantes, como "resistência", "autenticidade" e "preservação", que indicam uma preocupação crescente com a proteção dos direitos e das culturas indígenas. A abordagem de Ramos (2004) foi utilizada para interpretar como os objetos museológicos deixam de ter um valor de uso e se transformam em semióforos, objetos que carregam significados simbólicos e culturais dentro de um contexto expositivo.

Com base nessas análises, foi possível construir percursos interpretativos que dialogam com os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades indígenas, como a luta pelo reconhecimento de seus territórios e a preservação de suas tradições culturais. O uso de ferramentas tecnológicas para análise e disponibilização dos acervos durante a pandemia de COVID-19, quando os museus

adotaram visitas virtuais, também destacou o papel da tecnologia na promoção da diversidade cultural e na ampliação do acesso aos acervos.

Portanto, a metodologia utilizada neste estudo baseou-se em uma análise crítica das práticas museológicas contemporâneas, visando promover a decolonização das narrativas construídas em torno das culturas indígenas e fortalecer os diálogos interculturais dentro dos espaços museológicos.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A exposição de objetos dos povos indígenas brasileiros nos acervos museológicos, incluindo o Museu de Arte Indígena (MAI), contribui de maneira significativa para a mediação cultural e a construção de conhecimento. Esses objetos assumem o papel de intermediários entre o visitante e as culturas representadas, permitindo que experiências simbólicas, sociais e históricas sejam exploradas por meio da exposição (Nascimento e Ventura, 2005).

Os visitantes, ao se depararem com esses objetos, manifestam uma variedade de reações, como espanto, curiosidade e emoção. Essas respostas permitem que os itens sejam interpretados em contextos que transcendem suas origens, ligando-os à história local, nacional e global dos observadores. A narrativa expográfica, segundo Candau (2011), oferece uma perspectiva intercultural ao promover a interação deliberada entre sujeitos e grupos socioculturais, gerando uma constante troca entre culturas.

A pesquisa realizada no MAI examinou tanto o acervo físico quanto os comentários postados por visitantes no aplicativo TripAdvisor entre 2019 e 2021. As análises revelaram que as exposições e a mediação do museu foram amplamente elogiadas, destacando-se pela sua capacidade de aproximar diferentes culturas por meio de uma experiência imersiva e educativa. A posição privilegiada do MAI no ranking de avaliações do TripAdvisor não só contribuiu para sua visibilidade internacional, como também ampliou o alcance de sua bilheteria, tornando o museu acessível a um público mais amplo (Carey, 2021).

Os objetos em exposição no MAI incluem arte plumária, adornos, pinturas corporais e instrumentos de caça, cada um com seu próprio significado cultural e histórico. A mediação oferece aos visitantes uma oportunidade única de se conectar com as diferentes etnias indígenas, facilitando a compreensão de sua diversidade cultural e enfatizando as múltiplas facetas da identidade indígena brasileira.

A análise de comentários no TripAdvisor revelou que os visitantes do MAI atribuem grande valor à mediação e ao acervo do museu. A pesquisa qualitativa, realizada com o auxílio do software Iramuteq, identificou palavras-chave e temas recorrentes que descrevem as experiências dos visitantes. O foco principal das análises foi o impacto da mediação, tanto presencial quanto virtual, no processo de aprendizagem e interpretação dos objetos indígenas expostos.

Palavras como "interessante", "diverso", "incrível" e "organizado" foram frequentemente mencionadas pelos visitantes ao se referirem ao acervo. A mediação foi amplamente elogiada, especialmente pela competência dos guias em explicar o significado cultural dos objetos. Um exemplo é o mediador Artur, citado por visitantes por sua atenção e disposição em compartilhar histórias sobre

os povos indígenas e suas tradições. Isso reforça a ideia de que a mediação desempenha um papel crucial na experiência museológica, permitindo que os visitantes transcendam uma simples observação para uma compreensão mais profunda (Moraes et al., 2007).

A pesquisa também incluiu uma investigação detalhada dos acervos de dez museus em Belo Horizonte, com foco na preservação de objetos indígenas. Sete desses museus foram objeto de estudo por Barroso (2017), destacando-se o Museu dos Brinquedos e o Museu Mineiro, que possuem coleções ricas e diversas de artefatos indígenas. No Museu dos Brinquedos, por exemplo, foi documentada uma peteca tradicional, demonstrando a conexão entre a cultura indígena e as brincadeiras tradicionais, ilustrando a continuidade de práticas culturais ao longo do tempo.

O software Iramuteq possibilitou uma análise lexical dos comentários dos visitantes do MAI, identificando as palavras mais recorrentes e suas associações. A análise revelou que a palavra "acervo" foi uma das mais mencionadas, associada a substantivos como "história" e "natureza", refletindo a percepção dos visitantes sobre a importância e a riqueza dos objetos expostos. A palavra "peça", por sua vez, foi frequentemente descrita como "incrível", "ampla" e "linda", sugerindo que os visitantes reconhecem a beleza e a singularidade dos itens expostos.

Além disso, as palavras "museu" e "visita" também apareceram fortemente conectadas, revelando o impacto da mediação nas percepções dos visitantes. A palavra "indígena", frequentemente associada a termos como "interessante", "diverso" e "cultura", evidencia que os visitantes percebem o MAI como um espaço de valorização e preservação da diversidade cultural indígena.

O processo de mediação no MAI é descrito como uma oportunidade de reflexão e aprendizado crítico. Sem essa mediação, os visitantes tendem a confirmar apenas seus conhecimentos prévios, enquanto a mediação eficaz os desafia a explorar novas perspectivas e compreender melhor as culturas indígenas representadas (Moraes et al., 2007). Essa interação entre visitante, objeto e mediador é fundamental para que o museu cumpra sua função educativa.

Durante a pandemia de COVID-19, o MAI adaptou suas atividades oferecendo visitas virtuais, permitindo que o público continuasse a ter acesso ao acervo de forma segura. As visitas virtuais, inicialmente realizadas com o uso de smartphones, foram aprimoradas ao longo de 2020, proporcionando uma experiência mais imersiva e interativa. Segundo os visitantes, embora a visita virtual não substitua completamente a experiência presencial, ela foi considerada "excelente" e "inédita", com muitos elogiando a mediação virtual pela clareza e atenção dos guias (TripAdvisor, 2020).

Henriques e Lara (2021) destacam que a internet oferece ferramentas eficazes para aumentar a interação nos museus virtuais, permitindo que as narrativas sejam adaptadas ao perfil do público em tempo real. No caso do MAI, a mediação virtual foi cuidadosamente ajustada para atender às necessidades e expectativas dos visitantes, resultando em avaliações extremamente positivas. Esse processo de "desterritorialização" da experiência museológica, como discutido por Silva (2021), mostrou-se eficaz na ampliação do alcance do museu, permitindo que o público internacional acessasse o acervo de maneira significativa, mesmo à distância.

acervos. Na paisagem cultural urbana, os objetos que remetem aos povos indígenas brasileiros ainda necessitam de movimentos para integrá-los na confluência das diversidades e das relações entre museu, objetos (peças), percepções e pessoas.

Percebemos a centralidade dos objetos tanto nas missões quanto nas ações promovidas nos museus estudados. Nesses percursos interpretativos destaca-se a ausência de atribuições específicas de promoção de qualquer leitura intercultural. Mas, a presença dos objetos que pertençam ou remetam à cultura indígena nas exposições permanentes destes museus, possibilita um discurso intercultural por meio de um processo de mediação. Uma vez que, ao serem expostos ao lado de outros objetos que pertençam a outras culturas, estes objetos semióforos, podem suscitar um diálogo intercultural.

Quanto à forma de abordar e representar a cultura indígena brasileira em suas exposições, observou-se durante a pesquisa de campo que, nos museus: Centro de Memória da Justiça do Trabalho de Minas Gerais; Museu de Artes e Ofícios; Museu Mineiro; Centro de Referência em Cartografia Histórica – Palacinho; Museu dos Brinquedos, permanecem a representação dos povos indígenas sob o olhar dos períodos históricos Colonial e do Império Nacional. Há uma lacuna quanto a esses povos e suas culturas após o século XIX, e como abordamos, há um discurso positivista e idílico homogeneizando dos povos originários do país.

Observamos já um movimento de mudança no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, em sua sede e no seu canal no Youtube, que disponibiliza vídeos relacionados à temática indígena, entre eles um refere-se aos povos indígenas na atualidade. Nele, a cidadania e o modo de viver dos povos indígenas são abordados sob o olhar do próprio índio. Igualmente, o Espaço do Conhecimento UFMG promove uma abordagem intercultural, na qual os povos indígenas, seus conhecimentos e tecnologias conversam com outros povos e há mediações dialógicas sobre os objetos.

Conclui-se que os museus pesquisados necessitam ampliar as discussões sobre os povos indígenas e sua diversidade étnico-cultural no passado e na contemporaneidade, bem como investir em ações que promovam um efetivo diálogo intercultural. Estes espaços de educação não formal se apresentam como grandes potenciais para a discussão da questão indígena e implementação e cumprimento da Lei Federal 11.645/2008. Necessitam-se novas abordagens que considerem estes povos e suas relações na contemporaneidade para que as percepções colonialistas e imperiais saiam da paisagem e definam novos territórios de interlocução.

Interpretive routes of objects of indigenous cultural diversity in museums

ABSTRACT

The paper approaches' the process of interpretative paths construction of objects of indigenous cultural diversity referring to museums located in the cities of Belo Horizonte and Curitiba. For the construction of these narratives and images, the exhibition collections and the technical reserves of nine museums in the city of Belo Horizonte were analyzed, as well as the evaluations of the visitors of the Museum of Indigenous Art (MAI) of Curitiba, available in the izi.travel and TripAdvisor. The analysis of narratives sought to raise intercultural dialogues between objects, the correlations of visitors' speeches and the missions of museums. The routes pointed out, in the cultural landscape of the city, objects that refer to the Brazilian indigenous peoples. Visitor texts made it possible to recover images and objects at the confluence of diversities and relationships between museum, objects (pieces) and perceptions.

KEYWORDS: Interpretative paths. Iramuteq. Museums. Indigenous collection.

NOTAS

¹Definição de “Ser índio” e de “Comunidade indígena”, disponíveis em: <<https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>>. Acesso em: 15 set. 2024.

²Atualmente na Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford. <https://www.bodleian.ox.ac.uk/lac/news/ebrard-visit>. Acesso em 19 set. 2024.

³<http://www.quaibrantly.fr/fr/expositions-evenements/au-musee/expositions/>. Acesso em: 19 set. 2024.

⁴O aplicativo procura disseminar confiança entre os viajantes por meio de avaliações. Os avaliadores do TripAdvisor ajudam na divulgação de negócios. A fórmula de rank do TripAdvisor afirma que 77% de ações positivas ocorrem quando os negociantes respondem aos seus avaliadores, até mesmo para inserir novidades e melhorias dos serviços (CAREY, 2021).

⁵<https://izi.travel/pt/8cb3-entre-ruas-e-aldeias-a-cultura-indigena-nos-museus-da-cidade-de-belo-horizonte/pt#beb71fc2-94ce-4b46-aca0-a5e0b6fb0ce5>.

⁶O Iramuteq é um software gratuito e de uso livre, que permite fazer análises estatísticas sobre dados textuais e sobre tabelas. Mais detalhes em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 19 set. 2024

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq e CAPES (Processo: 88881.172928/2018-01) pelo suporte financeiro aos autores deste trabalho

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marta Maria. O Censo 2010 e os Povos Indígenas. In: RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany (Org.). Povos Indígenas no Brasil 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. Disponível em: Povos Indígenas no Brasil, 2006-2010. | Acervo | ISA (socioambiental.org). Acesso em: 18 set. 2024.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARROSO, Aline Vicentina Santos. A Cultura Indígena nos Museus da Cidade de Belo Horizonte. dissertação de Mestrado Profissional. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ARKG8Z>. acesso em 18 set. 2024.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Descoberta do museu pelos índios. Terras das águas. Revista do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília. Vol.1 (1). 1999. p.11-38. disponível em Terra das Águas - 1999.pdf - Google Drive acesso em 18 set. 2024.

BRIGIDO, V.; CAMARGO; JUSTO, A. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011. disponível em [candau.pdf](#) ([curriculosemfronteiras.org](#)). Acesso em 18 set. 2024.

CANDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In Caderno de Diretrizes Museológicas I. 2a. Edição. Ministério da Cultura e Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. 2006. Disponível em: http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo.pdf. Acesso em 19 set 2024.

CAREY, Breanna. The Secret to Improving Your Tripadvisor Ranking. 28 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.checkfront.com/blog/improve-your-tripadvisor-ranking-with-this-one-simple-tip/>. Acesso em: 18 set. 2024.

COUTO, Ione Helena Pereira. A tradução do objeto do “outro”. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, MinCJIPHAN/DEMU, 2007. 256p. (Coleção Museu, memória e cidadania)

CENTRO DE MEMÓRIA DA JUSTIÇA DO TRABALHO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/memoria/memoria.htm>. Acesso em: 22/11/2016.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM CARTOGRAFIA HISTÓRICA/UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/>. Acesso em: 22/11/2016.

CIRCUITO LIBERDADE.
<<http://circuitoculturaliberdade.com.br/plus/modulos/conteudo/index.php?tac=historia&layout=conheca>>. Acesso em: 23/05/2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Imagens de Índios do Brasil: sec XVI. Estudos avançados. Vol 4(10). 1990. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/LdbG3Md7QPSD7VCC5SSNHfj/>. Acesso em 19 set. 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François (2014). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Armand Colin. Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comitê Nacional Português do ICOM. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf. Acesso em 18 set. 2024.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções. PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS - N. 32 - SÃO PAULO - P. 83 – 118, 2013. disponível em O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? | Paisagem e Ambiente ([usp.br](#)). acesso em 18 set. 2024.

HENRIQUES, Rosali; LARA, Lucas Ferreira de. Os Museus Virtuais e a Pandemia do Covid19: a experiência do Museu da Pessoa. Revista do Programa de Pós-graduação em ciências da informação da universidade de Brasília. Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. Especial, dez. 2021, p. 209-220, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35924/31905>. Acesso em: 18 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características gerais dos indígenas: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE. 2010. Disponível em .IBGE | censo 2010 | resultados. Acesso em 18 set. 2024.

IJRPM. Instituto Julianna Rocha Podolan Martins. ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DO. 2009.

Izi.travel. Disponível em: <https://izi.travel/pt/8cb3-entre-ruas-e-aldeias-a-cultura-indigena-nos-museus-da-cidade-de-belo-horizonte/pt#beb71fc2-94ce-4b46-aca0-a5e0b6fb0ce5>

MARTINEZ, Paulo Henrique. A nação pela pluma Natureza e sociedade no Museu do Índio (Rio de Janeiro, 1953-1957). Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.20. n.2. p. 119-148. jul.- dez. 2012.

MORAES Roque; BERTOLETTI, Jeter Jorge; BERTOLETTI, Ana Clair. ALMEIDA, Lucas Sgorla de. Mediação em museus e centros de ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. In: MASSARANI, Luisa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola (org.). Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência. Museu da Vida COC Fiocruz, 2007, p. 56-67. Disponível em: http://www.fiocruz.br/omcc/media/EVCV_KOPTCKE_Analisando_a_dinamica.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

MORAIS, Renata Figueiredo. O ensino de cultura e história afro-brasileira e indígena na educação básica: desafio de professores, alunos e ações governamentais. História e Perspectivas. Vol. 28 (53). 2016. disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32775>. Acesso em 18 set. 2024.

MUSEU de Arte Indígena. Disponível em: <https://maimuseu.com.br/site/sobre-o-mai/>. Acesso em:18/09/2024

NASCIMENTO, Silvania Sousa do e VENTURA, Paulo Cesar Santos. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. Ciência e Educação, Bauru, v. 11, n. 3, p. 445-455, 2005. disponível em <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/4KH3MGVmgHqrbLHsWJs77hj/> Acessado em 18 set. 2024.

NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO, 2000. Disponível em: http://iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_22.11.2021.pdf/view. Acesso em: 15 set. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes e CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. Educação em Revista. vol. 26 (1). 2010. p.15-40. disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/i/2010.v26n1/>. Acesso em 19 set. 2024.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCA, Andrea. Acerca dos Processos de Indenização dos Museus: Uma análise comparativa. Mana, vol.21, no.1, Rio de Janeiro, Apr. 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100123. Acesso em: 02 set. 2024.

RODARI, Paola; MERZAGORA, Matteo. Mediadores em museus e centros de ciência: Status, papéis e treinamento. Uma visão geral europeia. In: MASSARANI, Luísa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola (org). Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 7-20. Disponível em: http://www.fiocruz.br/omcc/media/EVCV_KOPTCKE_Analisando_a_dinamica.pdf. Acesso em: 2 set. 2022.

ROSADO, Juan José Batalla. Matrícula de tributos y Códice Mendoza: la autoría de un mismo "maestro de pintores" para los folios 6-R a 11-V del primero y la totalidad del segundo. Anales del Museo de America. Vol. 15. (2007). p.9-20. disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2570721>. Acesso em 19 set. 2024.

SCHNAPPER, Antoine. Le géant, la licorne et la tulipe: les cabinets de curiosité em France au XVIIe. Siècle. Collection Champs arts. 2a. Édition. Paris: Flammarion. 2012.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Histórias e Culturas Indígenas: alguns desafios no ensino e na aplicação da lei 11.645/2008: de qual história e cultura indígena estamos mesmo falando? História & Perspectivas (UFU), v. 28, p. 179-209, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32772/17715>. Acesso em 18 set. 2024.

SILVA, André Fabrício. Pandemia, museu e virtualidade: a experiência museológica no "novo normal" e a resignificação museal no ambiente virtual. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 29, 2021, p. 1-27. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/rBXwZLHBk9TxRfXd9FyDjzS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 set. 2024.

THIRY-CHERQUE, Hermano Roberto. Baudrillard: trabalho e hiper-realidade. RAE electron vol 9 (1).2010 Disponível em <https://www.scielo.br/j/raeel/a/XLCG9KDtPBPK8YSqmK6bDrq/?lang=pt#>. Acesso em 23 set. 2024.

TRIPADVISOR. Tripadvisor: leia avaliações, compare os preços e reserve. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>.

VIEIRA, Marina Cavalcante. Figurações Primitivistas: Trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/17708>. Acesso em 18 set. 2024.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello, O Imaginário Sobre o Indígena: uma experiência de aprendizagem significativa no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol.1V, nº 7, Out. / Nov. de 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16781/15063>. Acesso em 19 set. 2024.

Recebido: 29/09/2024

Aprovado: 22/11/2024

DOI: 10.3895/rts.v20n62.19229

Como citar:

GABARDO JUNIOR, Alcione; CORRÉA DA SILVA, Maclóvia; NASCIMENTO, Sylvania Souza do. Percursos interpretativos de objetos da diversidade cultural indígena em museus. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 20, n. 62, p. 42-56, out./dez., 2024. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/19229>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

